

**QUANTO MAIS LONGE, MUITO MAIS PERTO.**José Adair Xavier Chaves<sup>1</sup>

A origem do título nos remete obrigatoriamente ao nosso mundo contemporâneo em que as incertezas e transformações florescem com velocidades meteóricas, trazendo a inquietude, alienação e por que não dizer a miséria em algumas partes do planeta. Quanto mais longe, muito mais perto, traz intrínseco o fenômeno da Globalização, que sintetizando as idéias de alguns pensadores significa um processo de aprofundamento da integração econômica, social e cultural dos países do mundo no final do século XX, mostrando como característica a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa supostamente "universal", entre outros.

Porém esta fase global em que vivemos não pode ser considerada como uma força única que avança de forma linear e ascendente, é necessário atentarmos que os efeitos não são os mesmos em contextos diferentes, há pensadores como Santos (1997) que sintetizou em quatro elementos fundamentais os processos de globalização: a) o localismo globalizado, isto é, a globalização com sucesso de um fenômeno local; b) globalismo localizado, quando se produzem práticas transnacionais com sucesso em condições e contextos locais; c) o cosmopolitismo, quando se cria organização transnacional na defesa de interesses comuns; d) patrimônio comum da humanidade, que responsabiliza todos os seres humanos pela tutela de determinados bens.

Vale ressaltar que hoje, o local intensifica a sua interconexão com o global, a partir do marco do mercado, do Estado, dos movimentos e das formas de vida, gerando o transnacionalismo (HANNERZ, 1998). Já Robertson (1995) pensa a globalização como um tipo de difusão cultural e chega a falar em "global", isto é, a síntese relacional entre o local e o global. Canclini (1989), aponta o surgimento de culturas híbridas, interligando assim estrutura e processo, ativando também o papel dos agentes sociais nas dinâmicas entre estrutura e ação. Ele vislumbra um mundo de intensas trocas culturais, cosmopolita e

---

<sup>1</sup> O autor possui Licenciatura e Bacharelado em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2007) Tecnólogo graduado pelo Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria e Agropecuária, com ênfase em fermentados e hortaliças pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2007) Eletrotécnico graduado pela Escola Técnica Federal de Pelotas (1979) e Mestrando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

transnacional. Ressalta a valorização da diversidade dos jovens artistas, artesão do interior, indígenas, pequenas e médias instituições culturais, os novos espaços híbridos da cultura, construindo uma sociedade mais plural e democrática. A observação de Paul Du Gay torna-se oportuna para delinear as mudanças culturais globais que vem ocorrendo criando uma rápida mudança social. De acordo com Du Gay :

(...) a nova mídia eletrônica não apenas possibilita a expansão das relações sociais pelo tempo e espaço, como também aprofunda a interconexão global, anulando a distância entre as pessoas e os lugares, lançando-as em um contato intenso e imediato entre si, em um "presente" perpétuo, onde o que ocorre em um lugar pode estar ocorrendo em qualquer parte (...) Isto não significa que as pessoas não tenham mais uma vida local — que não mais estejam situadas contextualmente no tempo e espaço. Significa apenas que a vida local é inerentemente deslocada — que o local não tem mais uma identidade "objetiva" fora de sua relação com o global (DU GAY, 1994).

Para Santos, geógrafo renomado e respeitado internacionalmente a Globalização se impõe de forma perversa para grande maioria da humanidade, gerando mais desemprego, aumentando a pobreza e forçando a classe média ao desconforto da perda do poder aquisitivo, passando a viver quase lado a lado com a fome, miséria, violência, prostituição, mortalidade infantil como também as patologias que amedrontam parte da humanidade. Segundo Santos essa evolução negativa da humanidade esta relacionada com a adesão desenfreada dos comportamentos competitivos que caracterizam as ações hegemônicas.

Porém Santos se apropria desta configuração real que vive a humanidade e utiliza tal situação como possibilidade do surgimento de uma nova globalização na qual não haja lugar para o globalitarismo. Sua esperança reside no fato de que ao mesmo tempo em que se globalizam as taxas de lucros, a exploração, a miséria, a exclusão social, globalizam-se as lutas sociais, os ideais contra a globalização, o conhecimento e a vontade de mudar o mundo.

Ainda dentro desta mesma direção, Castells (2000) denomina identidades de resistência (ex.: movimentos sociais anti-globalização, ambientalistas, etc.) e identidades projeto (ex.: regionalismos, nacionalismos, etc...). Estas identidades segundo Castells, estão protagonizadas por atores sociais que, em muitos casos, lutam em prol da diversidade cultural e da interculturalidade, do respeito pelo meio ambiente e do combate à pobreza e extrema desigualdade social.

A conscientização dos indivíduos acaba gerando uma luta cotidiana do povo, abrindo novos caminhos, trazendo a desalienação, a partir do ponto em que passa aceitar a possibilidade de que uma outra globalização seja possível, uma vez que ao entendê-la em função da sua atual configuração, percebe que se compõe pela unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história representado pela mais-valia globalizada.

Com relação a questão espaço-tempo, uma das característica marcante da globalização, cabe descrever as palavras de Morin, quando diz que: "Não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte

do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isso se verifica não só para as nações e os povos, mas também para os indivíduos. Santos aponta ainda que de território onde todos se encontram, o espaço, com as novas tecnologias, adquiriu novas características para se tornar um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. Segundo ele as velhas noções de centro e periferia já não se aplicam, pois o centro poderá estar situado a milhares de quilômetros de distância e a periferia poderá abranger o planeta inteiro. De acordo com Santos(1987, p.46):

... os sistemas territorializados pelas ações racionalizadoras da via única acabam por reorganizar o espaço para os fins funcionais da valorização dos capitais, produzindo novas diferenciações regionais e desigualdades. O domínio do fazer sobre o reger, no mundo da globalização do capital, rompe com o sentido de solidariedade orgânica que informa os processos históricos das formações regionais e das formações urbanas. O espaço agrário se modela e adapta aos processos de modernização mercantil técnico-informacional e as cidades são atravessadas por processos de apartação social.

O novo meio geográfico produz a perda de capacidade de comando próprio dos lugares, dos subespaços e acaba por esvaziar o sentido etimológico da palavra região. As horizontalidades são definidas pelos espaços e pontos contínuos no espaço, como ocorre nas relações que constituem o referencial clássico de região. As verticalidades são os pontos descontínuos que, mesmo separados, asseguram as dinâmicas globais da economia e da sociedade. Na sua inseparabilidade, o espaço se constitui por esses recortes que hoje são lidos dentro da temática das relações em rede. Os fluxos das redes globais atravessam e organizam os pontos do território nas suas diferentes escalas.

Com relação à mesma temática é necessário evidenciar as transformações culturais que sofrem os indivíduos, atores sociais deste mundo contemporâneo, uma vez que a globalização torna-se um processo complexo que provoca mudanças socioculturais, pois vincula pessoas de todas as partes do mundo, através dos meios de comunicação, do turismo, do comércio, da Internet, dos fluxos, etc. A globalização intensifica interrelações e interdependências entre os grupos humanos, comprimindo o espaço e o tempo. Estas alterações ocorridas nos tempos atuais se apropriam da informação da transmissão de dados, com intuito de externar conhecimentos que muitas vezes não são acessíveis a todos, mas mostram também a possibilidade de poder.

Em uma sociedade pós-industrial, com uma cultura pós-moderna, a informação é o eixo central do poder. Mas esse acúmulo de conhecimento tem gerado situações complexas e acelerado as relações dos homens contemporâneos. A sociedade e a cultura transformaram-se em algo de constante mudança e de situação plural. No dizer de Pinto (1968, p. 182), a cultura:

é o processo pelo qual o homem acumula as experiências que vai sendo capaz de realizar, discerne entre elas, fixa as de efeito favorável, como resultado da ação exercida, converte em

idéias as imagens e lembranças a princípio coladas à realidade sensíveis, e depois generalizadas, desse contato inventivo com o mundo.

O conhecimento é elemento específico fundamental na construção do destino da humanidade. Daí sua relevância e importância para entendermos as transformações que os novos tempos vêm nos impondo, pois conhecer, entender, educar são processos em que o conhecimento se produz se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza. O conhecimento é uma grande ferramenta que o homem dispõe para melhorar sua existência, e conviver com as incertezas e adversidades dos tempos atuais.

Finalizando é oportuno salientar a existência dos três mundos que o grande pensador Santos expressa em sua obra, “Por uma outra Globalização”, onde aponta que se quisermos escapar à crença de que esse mundo assim apresentado é verdadeiro, e não queremos admitir a permanência de sua percepção enganosa, devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só. O primeiro seria o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

## Referencias

- CASTELLS, M. **La era de la información. Economía, Sociedad y Cultura**. Vol. 2. El Poder de la Identidad. Madrid: Alianza Editorial. 1997/2000.
- HANNERZ, U. (1998, or. 1996): **Cuando la cultura está en todas partes. Reflexiones sobre un concepto favorito, em Conexiones Transnacionales**. Cultura, Gente, Lugares. Madrid: Cátedra, pp. 55-75.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. México: Grijalbo. 1989.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita – repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ROBERTSON, R. **Glocalization: Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity**, In.: Featherston, M. e outros (eds.): *Global Modernities*. London: Polity Press, 1995.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SANTOS, B. S. **“Por uma concepção multicultural dos direitos humanos”**. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 1997, n.º 48, p. 11-32.
- PINTO, A. V. **Ciência e existência**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.